

DUGLAS TEIXEIRA MONTEIRO

1926-1978

Personalidade singular e paradoxal, Douglas Teixeira Monteiro era tímido, porém arrojado e extremamente ativo; sério, porém dotado de fino senso de humor; firme em suas posições, que defendia veementemente, porém contemporizador e aberto ao diálogo. Com amplo círculo de amizade, Douglas se relacionava com todos, independentemente de quarelas religiosas, teóricas ou ideológicas, sabendo como obter das pessoas o melhor de seus esforços para impulsionar as atividades das associações que presidiu — Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo (73/75), Associação Nacional dos Cientistas Sociais ((1975) e Centro de Estudos da Religião (73/75) — e dos inúmeros grupos de trabalho, comissões e órgãos colegiados internos e externos à Universidade de que participou desde 1953, quando iniciou sua carreira universitária junto à FFCL, do Espírito Santo.

O que sempre me impressionou em sua conduta, durante os curtos anos em que tive o prazer de ser seu colaborador e privar de sua amizade, foram seu equilíbrio e serenidade, quaisquer fossem as circunstâncias, que lhe valeram a captação da confiança de seus colegas e alunos. Foi sempre a pessoa que se apresentava aos olhos destes como capaz de se constituir em solução nos momentos de crise e impasse: foi assim como coordenador da Comissão Partidária da Congregação da antiga FFCL da USP, no conturbado ano de 1968; foi também assim como representante de suas categorias docentes (Auxiliar de Ensino entre 1959 e 1972 e Assistente-Doutor entre 1973 e 1978) junto aos órgãos colegiados da FFLCH da USP, em várias ocasiões; foi ainda assim recentemente indicado por seus colegas da área de sociologia para a Chefia do Departamento de Ciências Sociais, sendo apenas Doutor. Mais preocupado com suas pesquisas, que desenvolvia a um ritmo intenso, recusou a indicação.

Douglas não foi, contudo, apenas o homem da organização. Foi também o estudioso dedicado atento aos processos sociais que se desenrolavam na sociedade brasileira, tendo se destacado por seus trabalhos nas áreas da educação, trabalho e religião. Seu interesse pela Sociedade da Religião marca o início — quando se volta à pesquisa da Macumba e Vitória (1) — e o fim de sua carreira acadêmica, quando se dedica, à partir de 1971, ao reexame do surto milenarista do Contestado, que culmina com sua

(1) Sobre a qual publicou dois artigos: "Notas sobre o vocabulário da Macumba", *Folclore*, maio-agosto de 1954, Vitória, ES, e "A Macumba de Vitória", *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, São Paulo, 1974.

tese de doutoramento em 1973 (2). Este é certamente um dos clássicos dos estudos sobre o messianismo, que é abordado a partir da própria cosmogonia do grupo estudado e não a partir dos pressupostos do observador, tendo obtido o prêmio “Governador do Estado” em 1975. Trata-se de brilhante exemplo das potencialidades do método compreensivo quando aplicado com sensibilidade e inteligência; Duglas aliava a paixão pelo seu objeto de análise — seu lema consubstanciava-se na sempre repetida frase de seu mestre Roger Bastide, “Pour faire de la sociologie il faut aimer les hommes” — com a atitude racional do observador que tenta verificar como é possível a alguém acreditar no que acredita dentro de um determinado contexto. Tal procedimento lógico compreensivo inclui necessariamente a afinidade do pensamento com o objeto de reflexão, mas exclui a necessidade da adesão aos seus valores.

A contribuição de Duglas T. Monteiro na área da sociologia da religião não se limita a este trabalho. Ainda sobre o messianismo destaca-se “Um Confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado” (3), menos conhecido, porém da mesma qualidade que o primeiro, enriquecendo o conhecimento do quadro comparativo dos messianismos brasileiros. Deixou ainda vários artigos com penetrantes reflexões sobre a religiosidade popular brasileira, apontando, entre outros aspectos, a emergência de um ecumenismo religioso de caráter espontâneo (4). Mas não se afastou das reflexões teóricas e metodológicas sobre a religião, ao retomar os estudos afro-brasileiros, em sua apreciação da obra de Roger Bastides, publicada postumamente (5).

Os estudos de Duglas T. Monteiro, apesar de numerosos e admiravelmente bem redigidos, não esgotam suas pontencialidades literárias nem sua paixão pelo humano. Estas extravasam-se em trabalhos propriamente literários, entre os quais se destaca a peça teatral “Água da Memória” (6), premiada em 1964 pelo Serviço Nacional de Teatro, resultante das impressões de suas andanças pelo Norte do Paraná, área então por ele pesquisada, e que antecipa a temática de sua futura tese de doutoramento, a rebelião social religiosamente conduzida. Escreveu, também, entre 1973 e 1975, uma série de crônicas para a revista *Mais*, predominantemente sobre temas afetos à religião e deixou inacabada uma nova peça teatral sobre o cotidiano operário.

(2) *Os Errantes do Novo Século. Um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo, Duas Cidades, 1974.

(3) In *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomo III, *O Brasil Republicano*, 2.o vol., Sociedade e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro|São Paulo. Difel .

(4) São seus principais trabalhos desta fase: 1.o) “Sobre os dois caminhos”, Cadernos do ISER n.o 5, novembro de 1976; 2.o) “A cura por correspondência”, *Religião e Sociedade*, n.o 1, São Paulo, Hucitec, maio de 1977; 3.o) “Églises Sectes et Agences: aspect D’Un Ecumenisme Populaire”, *Diogene*, n.o 100, Paris, Octobre-Décembre 1977.

(5) Prefácio de *The African Religions of Brasil*, de Roger Bastides, Johns Kopkins Univtrrsity, 1978. Publicado também em *Religião e Sociedade*, n.o 3, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, outubro de 1978, sob o título de “Roger Bastide: Religião e Ideologia”.

(6) Ed. Letras e Artes, Rio de Janeiro, 1965.

Ao registrarmos seu trágico falecimento, aos 52 anos de idade, em Recife, no dia 25 de setembro de 1978, onde em visita oficial pelo MEC, fazemos nossas as palavras de um grupo de professores norte-americanos que bem o conheceram, entre os quais Ralph Della Cava: "Nós nos lembraremos sempre de Duglas pelos seus estudos sobre a Religião como um protesto do povo contra a opressão e a injustiça, por sua habilidade para falar com serenidade e permanecer fiel aos seus princípios mesmo sob as mais severas pressões. Ele inspirou todos os que procuraram sua ajuda desinteressada, sua lucidez e sua opinião. Nós iremos nos lembrar com enorme carinho do seu bom humor, sua tolerância, liderança e generosidade".

Lísias Nogueira Negrão
Universidade de São Paulo